

# Peter Camenzind

*Hermann Hesse*

## **PETER CAMENZIND**

O romance "Peter Camenzind" surgiu pela primeira vez no ano de 1904. Provou sua perseverança através dos decênios, tornando-se uma das obras constantes da nova literatura alemã.

Para a geração que envelhece, ele representa acontecimentos inesquecíveis. As gerações mais jovens e vindouras também serão atingidas pela magia do livro. Cada jovem se sente fascinado por aquela nostalgia da beleza do mundo, da amizade e do amor que transpiram da primeira obra-prima de Hermann Hesse. O romance apresenta também traços grosseiros, não pretendendo embelezar ou glorificar coisa alguma. Entretanto, até as páginas ásperas da narrativa calam no âmago, espiritualizadas. Os muitos amigos de Hermann Hesse só poderão avaliar e compreender perfeitamente sua trajetória poética, começando pelo "Peter Camenzind". O amor pelas obras da maturidade de Hesse se tornará mais profundo, quando o leitor já tiver tomado conhecimento e apreciado a obra de sua juventude.

## **O JOGO DAS CONTAS DE VIDRO**

O Jogo das Contas de Vidro contém, é certo, uma crítica à nossa época. O plano deste livro é dialético. Baseia-se num raciocínio que poderia ser resumido nos seguintes termos; se é verdade que a causa do trágico erro da civilização moderna é a aglomeração, no espírito humano, *às* noções heterogêneas e a fascinação pelo poder tecnológico, o que sucederia se, ao contrário, a ciência, o sentido do belo e do bem se fundissem num concerto harmonioso"

## **NARCISO E GOLDMUND**

O Jovem aluno do convento, Goldmund, olha com timidez e admiração para seu mestre Narciso. Quer dedicar sua vida à ordem, mas Narciso desencoraja-o, pois não lhe parece ser este o seu destino. "Você é um artista, eu, um pensador. Para mim brilha o sol, para você, a lua e as estrelas". Narciso desperta Goldmund para conhecer a sua própria personalidade.

O todo desta obra forma um quadro colorido da Idade Média alemã, onde o romântico e o real se confundem.

Os livros nacionais e estrangeiros que não encontrados nas livrarias podem ser pedidos pelo Reembolso Postal

LIVRARIA BRASILIENSE  
Rua Barão de Itapetininga, 99  
Caixa Postal 30.644 - São Paulo

Com este rude e fantástico livro, como são todas as obras de juventude, iniciou Hermann Hesse sua trajetória pelo maravilhoso mundo da poesia, do amor e da comunicação, características marcantes de sua literatura.

Principalmente os jovens, atingidos em sua problemática, redescobriram este autor, cuja obra poderão entender mais ampla e profundamente através da leitura de Peter Camenzind.

## **HERMANN HESSE**

Nasceu a 2 de Julho de 1877 no coração da Alemanha antiga, romântica, em uma das pequenas cidades de aspecto medieval. Seus pais foram missionários protestantes que tinham pregado o cristianismo na Índia. O jovem Hesse também deveria estudar teologia. Mas fugiu do seminário, não agüentando a rígida disciplina. No ginásio revoltou-se contra o ensino nacionalista. Fugiu para a Suíça, onde se empregou numa livraria e publicou os primeiros livros. Depois do sucesso de Peter Camenzind, seu primeiro casamento foi com a filha de ricos burgueses suíços: parecia a vitória na vida. Teve com ela 3 filhos. Mas fugiu do conforto, nessa jaula dourada, para um existência solitária na Natureza, da qual só o expulsou o começo da Primeira Guerra Mundial. E logo mais uma fuga: Hesse desistiu da cidadania alemã, vivendo na Suíça perseguido pela contra-espionagem alemã. Tinha-se declarado contra o nacionalismo bélico do Kaiser e dos alemães. Casou-se mais duas vezes.

Toda a vida de Hesse, até o último dia, foi uma série de fugas. E cada uma dessas fugas foi uma revolta: contra a casa paterna; contra o cristianismo; contra a escola; contra a vida burguesa; contra a guerra e contra o nacionalismo. Hesse sempre foi e sempre se conservou um rebelde contra os poderes deste mundo, temporais e espirituais. Sua vida confirma-lhe a vocação de grande poeta, de ativa independência.

As estações nesse caminho são as grandes obras de Hesse. Marcam as soluções em que o rebelde encontrou, por momentos, a paz, acreditando viver em harmonia consigo mesmo. Para tanto, o poeta percorreu espiritualmente o mundo, em busca de credos mais autênticos que os abusados do Ocidente, e uma dessas peregrinações o levou, também fisicamente, à Índia.

O budismo de Hesse não é elitista nem evasionista; seu livro VIAGEM AO ORIENTE é um dos mais rebeldes que escreveu. Tampouco tem pontos de contato com o budismo ginástico que foi descoberto pelos beatniks americanos "rebeldes sem causa". A rebelião de Hesse tem causa: é a paz do mundo, a externa e a interior. Seu budismo não é o Zen japonês, mas o indiano, o autêntico. A vida de SIDARTA parece-se com a do próprio Buda. Mas também se parece com a do próprio Hesse, que experimentou todas as possibilidades da existência humana até reconhecer a profunda doutrina da identidade de tudo que é vivo: Idênticos são o pecado e a santidade, a sabedoria e a loucura e, enfim, a vida e a morte. Hermann Hesse foi um grande poeta. Também foi um grande sábio. Em 1946, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura.

# 1

No princípio era o mito. Assim como o bom Deus, poderoso, em luta por uma expressão, poetizava na alma dos hindus, gregos e germanos, assim continuava Ele poetizando, diariamente, na afina de cada criança.

Qual o nome que, na minha pátria, se dava ao lago, montanhas e riachos, eu ainda não o sabia; via porém estender-se, exposta ao sol, a imensidão das águas rasas, de um verde azulado, entretecidas de pequenos pontos luminosos e formando uma espessa coroa ao seu redor, montanhas íngremes e, nas mais altas fendas, as brechas de neve muito alvas e pequenas, minúsculas quedas de água tendo ao seu sopé prados luminosos e inclinados, semeados de árvores frutíferas, cabanas e as vacas cinzentas dos Alpes. E, já que minha pobre e pequena alma se encontrava tão vazia, silenciosa e expectante, os espíritos do lago e das montanhas escreveram nela suas belas e ousadas façanhas. As encostas rígidas dos montes e dos penhascos falavam, iradas e respeitosas, das eras que lhes haviam dado origem e de cujas chagas são portadoras. Falavam também de outras épocas longínquas, quando a terra se rompeu e se curvou e que do seu ventre atormentado, em gemidos de parto, irromperam cumes e cristas. Montanhas rochosas surgiam, violentamente, lançando-se sem destino às alturas, rasgando espaços com suas arestas que, fendidas, caíam sobre si mesmas; montanhas gêmeas, em desespero, lutavam pela conquista do seu lugar, até que uma delas, vencedora, atirava a irmã para o lado, despedaçando-a. Ainda pendiam, oriundos daqueles dias, aqui e ali, nos cimos das gargantas, cumes destroçados, rochas impelidas para fora e fendidas, e cada vez que a neve derretia, o caudal das águas fazia despencar enormes blocos, estilhaçando-os, como se fossem de vidro, ou arrastando-os para baixo, nos prados macios, sob a violência dos seus golpes.

Eles repetiam sempre a mesma coisa, esses penhascos. E era fácil compreendê-los, quando se via suas encostas íngremes, cada camada fendida, umas por cima das outras, torcidas, estaladas, cada qual cheia de feridas abertas. "Sofremos coisas pavorosas", diziam, "e ainda continuamos sofrendo". Diziam-no orgulhosas, severas e irritadas, como velhos guerreiros indestrutíveis.

Isso mesmo, como guerreiros. Eu as via lutar contra a água e tempestades nas noites de pavor que antecipam a primavera, quando o vento meridional bramia, amargurado, em volta de suas velhas cabeças, quando as correntes dos regatos arrancavam dos seus flancos pedaços vivos e crus. Nessas noites elas se erguiam, sinistras, obstinadamente agarradas às suas raízes, já sem fôlego, tensas, estendendo em direção das tempestades as suas encostas e picos fendidos, juntando todas as suas forças numa atitude reprimida de desafio. E para cada chaga deixavam perceber o rolar pavoroso da fúria e do medo e através dos mais distantes ruídos, retumbavam, truncados e raivosos, seus gemidos apavorantes.

E eu via prados e declives, gretas de penhascos cobertas de grama, flores, fetos e musgos, aos quais a velha voz popular dera nomes tão singulares e tão cheios de significações. Viviam, filhos e netos que são das montanhas, coloridos

e inofensivos, ah mesmo nos seus postos. Eu os apalpava, contemplava-os, aspirava-lhes o perfume e aprendia seus nomes. Impressionava-me ainda mais séria e profundamente com a contemplação das árvores. Via cada uma delas levando sua vida à parte, aperfeiçoando sua forma e coroa especiais, projetando sua sombra peculiar. A mim me pareciam ermitãs e lutadoras, mais estreitamente aparentadas com as montanhas, pois cada uma delas, sobretudo as que se erguiam nos pontos mais altos das montanhas, mantinham sua luta silenciosa e tenaz pela existência e desenvolvimento, contra o vento, o tempo e as rochas. Cada qual tinha que suportar seu próprio peso e se agarrar com força ao solo, resultando daí que cada uma possuía sua forma particular e chagas especiais. Havia pinheiros aos quais as tormentas só permitiam que apresentassem galhos de um só lado, e outros cujos troncos avermelhados se haviam enroscado, quais serpentes, ao redor de rochas, de tal maneira que árvores e rochas se agarravam umas às outras para se sustentarem. A mim elas se assemelhavam a guerreiros e despertavam no meu coração um sentimento de medo e de respeito.

Nossos homens e mulheres, porém, muito se pareciam com elas; eram duros, as feições cortadas por rugas profundas, taciturnos, calados, os melhores falando menos ainda. Foi daí que aprendi a olhar os homens da mesma maneira que olhava as árvores ou rochedos, idealizando-os à minha maneira, sem contudo deixar de respeitá-los ou de amá-los menos que aos pinheirais silenciosos.

Nossa pequena aldeia de Nimikon situa-se numa planície triangular, apertada e inclinada entre duas saliências de montanhas, junto ao lago. Um caminho leva ao convento próximo e um segundo conduz a um lugar vizinho, distante umas quatro horas e meia; as demais aldeias situadas às margens do lago são alcançadas pelas águas.

Nossas casas são construídas no velho estilo de madeira, não tendo uma idade determinada; quase nunca surge uma construção nova, e as velhas casas, de acordo com as necessidades, recebem reformas parciais: este ano é o piso, uma outra vez é uma parte do telhado e talvez a metade de uma viga, ou quem sabe uma ripa que outrora teria pertencido à parede de um quarto é agora empregada como caibro no telhado e, mesmo quando não servem mais para tal fim; sendo, entretanto, boas demais para serem queimadas como lenha, então aguardam sua vez para serem ainda utilizadas num conserto do estábulo ou do palheiro, ou como ripa transversal da porta de entrada. O mesmo acontece com os que ali habitam; cada um representa, enquanto pode, seu papel na vida em comum, entrando depois, vacilante, no círculo dos inaproveitáveis, mergulhando finalmente nas profundezas das trevas, sem que isso chame, por demasiado, a atenção dos outros. Aquele que, depois de uma longa ausência, retorna à aldeia, não encontra nada alterado, a não ser alguns telhados reformados e outros mais recentes que já ficaram velhos; os anciãos de outrora já não mais existem, é bem verdade, mas já surgiram outros velhos, que moram nas mesmas cabanas, usam os mesmos nomes, observam a mesma chusma de crianças de cabelos escuros, quase não diferenciando, no rosto e nos gestos, daqueles que morreram nesse meio tempo.

Na nossa comunidade faltava um fluxo mais freqüente de sangue e de vida novos, vindos de fora. Os habitantes, uma raça assaz robusta e constituída de

membros intimamente aparentados; quase três quartos da população usam o nome de Camenzind. Este enche as páginas do registro da Igreja, encontra-se gravado nas cruces do cemitério, ostenta-se nas fachadas das casas, pintado a óleo, ou em grosseiro trabalho de entalhe, e pode ser lido no carro dos carroceiros, nos baldes dos estábulos e nos barcos do lago. Também no alto da porta da casa de meu pai está pintado: "Esta casa foi construída por Jost e Francisca Camenzind" — isto, porém, não dizia respeito a meu pai, e sim a seu avô, meu bisavô; e, como eu, provavelmente, morrerei um dia sem deixar descendentes, tenho a certeza de que novamente um Camenzind virá ocupar o velho ninho, se é que até lá este ainda tenha um teto que o cubra.

A despeito daquela uniformidade aparente, havia, entretanto, entre os concidadãos, os bons e os maus, aristocratas e modestos, poderosos e humildes, e, ao lado de alguns inteligentes, uma pequena e divertida coleção de loucos, sem contar os cretinos. Como em todos os lugares, tratava-se de uma pequena cópia do nosso vasto mundo e, já que grandes e pequenos, espertalhões e loucos, eram indissolúvelmente aparentados entre si, havia, muitas vezes e sob o mesmo teto, o encontro de um orgulho severo e de uma leviandade estúpida, a tal ponto que nossa vida conseguia apresentar, quase que com exagero, o profundo e o cômico do aspecto humano. Entretanto, um eterno véu de depressão dissimulada ou mesmo inconsciente cobria tudo isso. O fato de ser dependente das forças da natureza e a preocupação de uma existência cheia de trabalho, haviam dado, com o correr do tempo, à nossa raça, que aliás envelhecia, uma tendência para a melancolia que, a bem da verdade, não destoava de maneira desagradável nos semblantes severos e rudes, não produzindo, porém, frutos, pelo menos não de maneira satisfatória. Por isso mesmo, nós nos alegrávamos com os poucos loucos que eram aliás bastante quietos e sérios, contribuindo, a seu modo, com um pouco de colorido e de oportunidade para se rir e mesmo caçoar. Quando algum deles se fazia notar através de uma nova tolice, era como um lampejo de simpatia nos rostos enrugados e morenos dos filhos de Nimikon, aliando-se ao próprio prazer da brincadeira, como condimento ao prazer farisaico que cada qual tinha de sua própria superioridade, o prazer que se sentia de estar ao abrigo de tais erros ou de maus passos.

Dentre os muitos que se situavam entre os justos e os pecadores — e eram muitos — e que, prazerosamente, teriam usufruído das vantagens de uns e outros, encontrava-se meu pai. Nenhum acontecimento maluco se realizava que não o tornasse repleto de uma inquietude bem-aventurada; ele oscilava então, comicamente, entre a admiração contagiante causada pelo autor da façanha e a consciência beata da sua própria inocência na não-participação no caso.

Entre os próprios loucos encontrava-se meu tio Conrado, que nem por isso perdia, em inteligência, para meu pai e outros heróis. Bem ao contrário, tratava-se de um espertalhão, sempre agitado por um irrequieto espírito inventivo, e que muitos poderiam, calmamente, invejar. Porém, na verdade, nada lhe saía bem.

Possuía a vantagem de, ao invés de se desencorajar e de ficar macambúzio com os reveses sofridos, recomeçar tudo de novo, tomado de um sentimento vivificante do tragicômico de seus empreendimentos, sendo contudo considerado

possuidor de uma originalidade ridícula e apontado como um dos palhaços gratuitos da comunidade.

O sentimento que meu pai lhe dispensava oscilava entre a admiração e o desprezo. Cada novo projeto de seu cunhado causava-lhe uma enorme curiosidade e excitação, que ele se esforçava, inutilmente, por esconder, usando de subterfúgios, como perguntas e alusões insidiosas e irônicas. No momento em que meu tio se sentia em segurança quanto ao sucesso de uma invenção, meu pai bancava o esperto, deixando-se arrastar e associando-se, fraternalmente, ao gênio, de maneira especulativa, até que o fracasso total sobrevinha, fazendo o tio encolher os ombros num gesto de desinteresse, ao passo que meu pai, dominado pela raiva, o acusava, cumulando-o de desprezo e ofensas, não lhe dirigindo um olhar ou uma palavra sequer, durante meses a fio.

Foi graças ao meu tio Conrado que nossa aldeia viu pela primeira vez um barco a vela, cabendo ao barco do meu pai a honra de tal demonstração. A vela e a cordoalha foram tecidas pelo tio, à risca, de acordo com as especificações de um almanaque, e não podemos culpar o tio Conrado por ser nosso barquinho muito estreito para um barco a vela. Os preparativos levaram semanas e meu pai, devido à espera, à esperança e ao medo, mais parecia feito de mercúrio; toda a aldeia não comentava outra coisa, a não ser o novo projeto de Conrado Camenzind. Aquele foi um dia memorável para nós, quando, numa manhã de muito vento, lá pelos fins do verão, o barco deveria ir para o lago, pela primeira vez. Meu pai, esse então, tomado de um vago pressentimento de uma possível catástrofe, mantinha-se à distância e, para minha imensa decepção, proibiu-me de tomar parte na grande aventura. Coube apenas ao filho do padeiro, o Füssli, a descabida honra de acompanhar o artista da vela. Entretanto, toda a aldeia se encontrava na nossa pequena praia, ocupando o jardimzinho e assistindo àquele espetáculo inédito. Um vento benfazejo vindo do este soprava na direção do lago. A princípio foi necessário que o padeirinho remasse, até o momento em que o bote alcançou a brisa, inflando a vela e iniciando, orgulhoso, a sua jornada.

Encantados, vimos como ele desaparecia por trás do promontório vizinho, e nos preparamos para saudar a volta do meu esperto tio, como herói da façanha, e reconhecer com vergonha a não-procedência dos nossos pressentimentos desprezíveis. Quando porém, à noite, o barco voltou, não tinha mais a sua vela e os tripulantes estavam mais mortos que vivos e o filho do padeiro tossia, afirmando: "Vocês perderam o melhor da festa — por pouco não haveria, no próximo domingo, a comemoração de dois velórios". Meu pai precisou fazer bancos novos para o barco e dessa data em diante nunca mais foi visto outro barco a vela refletindo-se na superfície azul do lago. Sempre que Conrado tinha pressa de fazer alguma coisa ou de dirigir-se a algum lugar, gritavam-lhe: "Você precisa fazer-se à vela, Conrado!" Meu pai ruminava a raiva e, durante muito tempo, sempre que encontrava o pobre cunhado desviava o olhar e cuspiam à distância, como prova do seu enorme desprezo. Isto durou até que um dia Conrado se apresentou com um novo projeto, o de um forno de assar, que levou seu descobridor a ser o alvo de interminável caçoada e que contou com a cooperação de 4 táleres da parte de meu pai. Pobre daquele que ousasse mencionar ou recordar ao meu pai a estória dos 4 táleres! Muito tempo depois,

quando as coisas em casa, mais uma vez, não iam lá muito bem, minha mãe mencionou, ocasionalmente, que seria bem bom se pudesse contar com aquele dinheiro tão mal empregado. O pai enrubesceu violentamente mas conseguiu dominar-se e disse entre dentes: "Quem me dera, a mim, que o tivesse bebido inteirinho num único domingo".

No fim de cada inverno chega o *foehn* com seu bramido surdo, que o habitante dos Alpes ouve tremendo de horror mas que longe de sua terra ele deseja, com uma saudade que o consome.

Quando o *foehn* está próximo, homens e mulheres, montanhas, animais selvagens e domésticos sentem-no horas antes. Sua chegada, que quase sempre é antecipada por ventos frescos e contrários, é anunciada por um murmúrio quente e profundo. O lago, de um azul esverdeado, em questão de segundos fica negro como tinta e levanta, de repente, alvas cristas de espuma. Em seguida começa a bramar, ele, que ainda há pouco jazia em silêncio e em paz, quebrando-se na praia, como um mar em fúria. Ao mesmo tempo, toda a paisagem se aconchega, temerosa. E sobre os picos, que até então cismavam à distância, pode-se contar agora as rochas, e nas aldeias que antes surgiam ao longe como manchas escuras, pode-se agora distinguir os telhados, cumeeiras e janelas, amontoados como um rebanho apavorado.

Tem início o bramir furioso, o tremer do solo. Chicoteadas pelo vento, as ondas do lago elevam-se e são impelidas como fumaça para as alturas, e, principalmente durante a noite, sem cessar, ouve-se a luta desesperadora das tormentas contra as montanhas. Pouco depois chegam à aldeia notícias de botes destroçados e de pais e irmãos que desapareceram, de casas desmoronadas.

Na minha infância eu temia o *foehn* e chegava até mesmo a odiá-lo. Com o despertar dos instintos de selvageria na adolescência, comecei a amá-lo, o rebelde, o eterno jovem, o batalhador atrevido, o mensageiro da primavera. Ele se mostrava estupendo quando, cheio de vida, de exuberância e de esperança se atirava à luta, selvagem, impetuoso, rindo e gemendo, e quando prosseguia uivando através das gargantas, devorando a neve das montanhas, curvando com suas mãos ásperas os velhos pinheiros, resistentes, arrancando-lhes suspiros profundos. Mais tarde aprofundei-me nesse amor e acolhia no *foehn* o doce, belo e opulento Sul, do qual transbordavam sem cessar as fontes do prazer, calor e beleza que vão se quebrar nas montanhas e que finalmente, exaustas, se entregam às planícies geladas do Norte. Não existe nada mais estranho e precioso que a doce febre do *foehn* que acomete os homens da montanha e principalmente as mulheres, roubando-lhes o sono, excitando-lhes os sentidos, sob a magia das carícias. Trata-se do Meridional que se atira, sempre tempestuoso e ardente no regaço do Norte, mais pobre e frágil, anunciando às aldeias alpinas, cobertas de neve, que agora já começam a florir, novamente, junto aos lagos purpúreos, primulas, narcisos e os galhos da amendoeira.

Em seguida, quando o *foehn* esgotou seu fôlego e as últimas avalanches sujas já se diluíram, então é que vem o mais belo; de todos os lados das encostas dos montes, os prados amarelados cobrem-se de flores; puros e gloriosos, os picos de neve e as geleiras emergem nas suas alturas celestiais, e o lago se torna azul e quente, refletindo nas suas águas o sol e o curso das nuvens.



Tudo isso pode satisfazer uma infância e, se necessário, uma vida. Porque tudo isso fala alto e sem interrupções a linguagem de Deus, como jamais foi dito por lábios humanos. Quem assim a percebeu na sua infância, assim a sentirá soando — doce, vigorosa e terrível — através da sua vida, sem poder fugir ao seu fascínio. Aqueles que foram criados nas montanhas podem, durante anos a fio, estudar filosofia, história natural, e se darem bem com o bom Deus, — mas quando sentem novamente o soprar do *foehn* ou ouvem uma avalanche irrompendo pelo bosque, então seu coração põe-se a tremer dentro do peito e eles pensam em Deus e na morte.

Em volta da humilde casa de meu pai havia um minúsculo jardimzinho, protegido por uma cerca. Lá crescia uma erva amarga, nabos e repolhos; além disso minha mãe havia ajeitado uma pobre e estreita jardineira, comovedora na sua simplicidade, onde estiolavam, cheias de esperança, porém miseravelmente, duas roseiras de Bengala, um pé de dália e um punhado de resedá. Partindo do jardim, um caminhozinho insignificante e coberto de saibro levava ao lago. Lá se encontravam dois tonéis estragados, algumas tábuas e estacas; mais lá em baixo, dentro d'água, encontrava-se, amarrado, nosso barco, que era remendado e alcatroado, mais ou menos a cada dois anos. Os dias em que isso acontecia ficaram gravados na minha memória. Era nas tardes quentes do início do verão; no jardimzinho esvoaçavam ao sol as borboletas de um amarelo-enxofre; o lago liso, azul e silencioso, reluzia muito calmo; tênue vapor envolvia os picos das montanhas e no lugarzinho coberto de cascalho sentia-se o odor forte de pez e de tinta a óleo; durante todo o verão nosso barco conservaria o cheiro de pez. Sempre que eu, mais tarde, anos depois, em qualquer parte junto ao mar, sentia no ar aquele cheiro peculiar da água misturada com o pez, tinha diante dos olhos, imediatamente, nosso lugarzinho junto ao lago e eu via, novamente, meu pai em mangas de camisa, trabalhando com o pincel; via as nuvenzinhas azuladas saindo do seu cachimbo, elevando-se naquele ar calmo de verão e as borboletas, amarelas como relâmpagos, cruzar o espaço no seu vôo tímido e incerto. Em tais dias meu pai apresentava um desusado bom humor, executava um trinado, no que aliás era exímio e chegava mesmo a emitir um breve *fohen*, à meia voz. Minha mãe, por sua vez, caprichava no jantar, e agora é que comecei a perceber que ela o fazia, na esperança de que o Camenzind não fosse à taberna naquela noite. Não obstante tudo isso, ele ia.

Eu não saberia dizer se meus pais favoreceram ou prejudicaram o desenvolvimento da minha jovem alma. Minha mãe tinha sempre muito que fazer, e acredito que nada nesse mundo preocuparia menos meu pai que as questões de educação. Dedicava-se cuidando, bem ou mal, das suas poucas árvores frutíferas, para que estas sobrevivessem, e cultivava seu pequeno campo de batatas, providenciando para que não faltasse o feno.

A cada duas semanas, porém, à noitinha e antes dele sair, meu pai me pegava pela mão, em silêncio, e sumia comigo em direção ao celeiro, que ficava em cima do estábulo. Lá passava-se então um estranho ritual de punição e de expiação. Eu recebia uma série de bordoadas sem que meu pai ou mesmo eu soubéssemos por quê.

Eram sacrifícios mudos no altar de Nêmesis, e se consumiam sem imprecções da parte de meu pai, sem lamentações ou gritos da minha parte, tributo a poderes misteriosos. Sempre que eu, anos mais tarde, ouvia falar do destino "cego", essas cenas misteriosas vinham ao meu pensamento, como representação absolutamente plástica daqueles conceitos. Sem que o soubesse, meu bom pai seguia a pedagogia simplista que a própria vida se incumbia de aplicar em nós mesmos, enviando-nos uma vez ou outra uma tempestade saída de um céu sereno, deixando-nos o cuidado de podermos meditar a respeito de quais os delitos por nós praticados e que nos levam a provocar a ira dos poderes superiores. Infelizmente pouco ou raramente eu era acometido de tais crises de reflexões, e aceitava essas punições recomendáveis, não como um exame de consciência, o que aliás teria sido desejado, mas com todo sangue frio e arrogância.

Nessas noites eu me sentia satisfeito por ter pago meu tributo e ter diante de mim algumas semanas de descanso. Com muito mais autonomia conseguia resistir às tentativas de meu pai de me pôr a trabalhar. A natureza incompreensível e pródiga havia reunido em mim dois dons contraditórios: uma força física excepcional e uma não menos forte aversão ao trabalho. Meu pai se esforçava por fazer de mim um filho útil e um companheiro de trabalho; eu, porém, sempre encontrava um jeito de fugir dos deveres que me eram impostos e, ainda no ginásio e em se tratando de heróis da antigüidade, toda minha simpatia era voltada para a figura de Hércules, forçado a executar aqueles famosos e maçantes trabalhos. Na época eu não conhecia nada melhor que flunar sobre rochedos e campos ou à beira do lago.

Montanhas, lago, tempestades e o sol eram meus amigos; falavam-me coisas, concorrendo para minha educação; durante muito tempo eu os amei e os conheci mais que às criaturas humanas e seus destinos. Porém as minhas preferidas, o que eu colocava acima do lago brilhante, do triste *foehn* e das montanhas banhadas de sol, eram as nuvens.

Mostrem-me neste vasto mundo alguém que conheça melhor as nuvens ou que as ame mais do que eu! Ou então, mostrem-me algo no mundo que seja mais belo que as nuvens! Elas são brinquedos e consolo para os olhos; são bênçãos e dádiva de Deus; são cólera e o próprio poder da destruição. São delicadas, macias e pacíficas como as almas de recém-nascidos; são formosas, ricas e generosas como anjos bons; são escuras, inevitáveis e impiedosas como os mensageiros da morte.

Pairam, prateadas, em camadas tênues, velejam sorrindo, brancas com bordas douradas e repousam em tons de amarelo, vermelho e azul. Rastejam sinistras e lentas como assassinos; galopam impetuosas e de cabeça para baixo como cavaleiros apressados; ficam suspensas, tristes e sonhadoras em pálidas alturas, como ermitãos melancólicos. Possuem a forma de ilhas bem-aventuradas e formas de anjos que abençoam; assemelham-se a mãos ameaçadoras, velas esvoaçantes e grous em romaria. Planam entre o firmamento de Deus e a pobre terra, como belos símbolos de todas as aspirações humanas e a ambas pertencendo — sonhos da terra que aconchegam sua alma maculada à pureza dos céus. São o eterno símbolo dos caminhantes, de toda procura, aspirações e

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

